



AS FESTAS RELIGIOSAS, O PROFANO NO SAGRADO: formação dos professores

*The religious parties, the sacred in profane:
training for teachers*

Luiz Alberto Sousa Alves^a, Sérgio Rogério Azevedo Junqueira^b

^a Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Professor do Curso de Bacharelado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: luizalberto.salves@gmail.com

^b Doutor em Ciências da Educação, Universidade Pontifícia Salesiana de Roma (Itália), Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER), Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: srjunq@uol.com.br

Resumo

O texto apresenta o papel das festas nas tradições religiosas que apresentam elementos como mito, rito, símbolo, música, dança, luxo e beleza. Na busca de construir a leitura religiosa da sociedade, favorecendo articulação de uma nova configuração do Ensino Religioso. Por exemplo, o mito é a primeira tentativa do homem para entender o cosmos e a vida. Como ainda não tinham desenvolvido uma ciência natural que lhes ajudasse a compreender toda essa complexidade, o homem criou os mitos, que se constituem numa ferramenta poderosa de explicação do macro e

microcosmo, os mitos são histórias que, contadas e ouvidas, suscitam a reflexão sobre o tema abordado. Outros aspectos podem ser compreendidos nesta ampla perspectiva. A festa com todos os seus elementos têm a função de tornar a vida humana mais leve e fácil de ser vivida. Ela ajuda a comunidade a confiar na sua capacidade de organização e realização de seus projetos. A estrutura da festa se relaciona também com a estrutura da vida das pessoas no seu cotidiano.

Palavras-chave: Mito. Tradição religiosa. Educação. Ritos. Festas.

Abstract

This text presents the role of festivities in religious traditions that presents elements such as myth, symbol, music, dance, luxury and beauty. Seeking to build a religious understanding of society favoring articulation of a new configuration of religious education. For example, the myth is the first attempt of man to understanding of cosmos and life. Since man does not had developed a natural science that could help to understand all this complexity, he created the myths that are a powerful tool of explanation of macro and microcosmos, the myths are tales that narrated and listen raise a reflection about the theme approached. Others aspects can be understand in this wide perspective. The festivities and all its elements has a function of making the human life easier and lighter to be lived.

Keywords: *Myth. Religious tradition. Education. Rites. Festivals.*

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, posterior alteração do artigo 33 pela Lei nº 9475 de 22 de julho de 1997, diferentes tendências foram acentuadas quanto à compreensão do Ensino Religioso no Brasil como disciplina do currículo escolar.

As interpretações em relação ao dispositivo legal suscitaram novos questionamentos e ponderações, que se somaram à antiga problemática da formação de profissionais da educação para o exercício docente desta disciplina. Isto é, a formação de educadores de Ensino Religioso e a garantia de seus direitos como profissionais integrados ao quadro do magistério público.

O artigo nº 33 da LDBEN, em seu primeiro parágrafo, indica que a orientação sobre habilitação e admissão dos professores para o Ensino Religioso é de competência dos sistemas de ensino, que poderão ser estaduais ou municipais. [...] § 1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do Ensino Religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores [...] (BRASIL, 1997, p.1).

Os responsáveis pela formação de docentes para o Ensino Religioso na atualidade brasileira, atentos às exigências legais em um *espaço* tecido em diversidade cultural e marcado por histórias de invasões e resistências nas mais diferentes áreas, debruçaram-se em buscar formas de construir referenciais e práticas formadoras para atender o édito legal.

Entre os eixos formadores, encontra-se a questão da leitura cultural do fenômeno religioso para que este seja refletido aos estudantes no cotidiano da sala de aula (OLIVEIRA et al., 2007, p. 58-60). Nessa perspectiva, um dos elementos a serem explorados na formação são as festas que fazem parte do calendário e rotina em nossa sociedade.

Explicitemos esta leitura das manifestações culturais do povo brasileiro, como por exemplo o carnaval, a festa das festas, que muitos aguardam e se preparam o ano inteiro para o seu acontecimento. O carnaval, por sua estrutura e importância, tem uma relação muito íntima com o sagrado. Para alguns, essa afirmativa pode não ter muito sentido, mas, ao analisarmos a função das festas, que pela sua estrutura aparentemente está mais ligada aos aspectos ditos profanos da nossa existência e, portanto, para alguns pode representar a manifestação do mal, veremos sua grande importância na vida dos homens e das próprias tradições religiosas. Entender a importância da festa a partir da perspectiva do sagrado nos remete à discussão doutrinal presente na teologia das grandes tradições religiosas sobre a existência.

Se acreditarmos que Deus é o autor da criação, e que tudo que ele cria é bom, se Deus está acima do tempo, realidade aplicada somente a nós seres encarnados, quando Ele cria, tem consciência da totalidade da criação, então se pergunta: Por que Deus permitiu a existência do Mal nas suas mais diversas manifestações? Simplificando o questionamento, sem entrar nas questões mais profundas da teologia, partindo do princípio de que a função da religião é tornarmo-nos humanos, e que na maioria das tradições religiosas se afirma o princípio doutrinal do livre arbítrio, ou seja, somos seres criados para a liberdade, o mal então é percebido como o elemento desafiador para os indivíduos, uma

vida sem desafio é uma vida vazia, despojada de projetos e significados. O mal faz parte da nossa existência como forma de desafio, nunca como sentido da vida; temos que conhecê-lo para podermos combatê-lo, ele faz parte da complexidade que é viver. Daí que compreendermos a importância das festas dentro das tradições religiosas, apesar da sua aparência profana e, talvez para alguns, maléfica, é fundamental, e para tanto iniciamos esta reflexão com Durkheim (1996, p. 351), esclarecendo que:

Toda festa, mesmo que seja puramente leiga em suas origens, possui certas características de cerimônia religiosa, pois tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar massas em movimentos e suscitar assim um estado de efervescência, algumas vezes mesmo em delírio, que não é sem parentesco com o estado religioso.

Nelas o sagrado e o profano estão tão entrelaçados que às vezes é quase impossível separá-los e distingui-los.

As festas, tal como as tradições religiosas, apresentam elementos como mito, rito, símbolo, música, dança, luxo e beleza. O mito é a primeira tentativa do homem para entender o cosmos e a vida. Como ainda não tinham desenvolvido uma ciência natural que lhes ajudasse a compreender toda essa complexidade, o homem criou os mitos, que se constituíram numa ferramenta poderosa de explicação do mundo e da vida. Os mitos são histórias que, contadas e ouvidas, suscitam a reflexão sobre o tema abordado. Mito e rito se completam, o rito é um arranjo de símbolos, uma representação da estrutura social, uma orientação da ação dos indivíduos no grupo, uma teatralização do mito, o rito deslocado do símbolo fica descaracterizado e sem nexo. Os símbolos são chaves que abrem portas para o incognoscível, o símbolo pode ser chamado de sinal por apontar para algo, ajuda a entender o incompreensível, a perceber o impercebível, mesmo quando ele está evidente, por isso que num espetáculo, seja num teatro, num cinema, num estádio, numa liturgia e num desfile de escola de samba, se não dominarmos a linguagem simbólica presente, vamos achar tudo lindo e maravilhoso, mas não seremos tocados, porque não compreendemos nada (CAMPBELL, 2004, p. 59-62).

A música é o grande tempero da vida, ela nos eleva, deprime, excita, acalma, torna-nos anjos ou demônios. É uma ferramenta poderosa por nos tocar e ajudar para que a vida se torne mais leve, amenizando os problemas e sofrimentos, por isso está em nossa história desde os primórdios; cantamos na alegria, na tristeza,

na vitória, na derrota, no nascimento, na morte, na perda e no ganho, como diz o povo, 'quem canta seus males espanta'. Há música para todos os momentos e acontecimentos da vida, a música está presente nos acontecimentos sagrados e profanos, se não existisse a música nossos cultos e liturgias não teriam graça, não falariam à vida. A música sem a dança ficaria pobre, a dança é a maneira de o corpo interagir com a música, é a maneira de extravasar e quebrar as couraças que a vida e o cotidiano insistem em colar em nosso corpo, se o corpo é um espaço sagrado, por ser criação de Deus, por que ficar cheio de rigidez e couraças?

A dança quebra essas couraças e rigidez, pois, dançando, movimentamos a energia da vida presente em nós, que o cotidiano castrador insiste em querer apagar. A música e a dança ligam, integram e religam. Ligam o homem a si mesmo, dando consciência do seu corpo e, conseqüentemente, dos seus limites, couraças e rigidez, impulsionando-o na superação; integram o indivíduo a seu semelhante, dançamos com o outro, mesmo quando se dança sozinho, a dança tem algo de coletivo, porque é na vida em grupo, em comunidade que nos tornamos fortes na superação das dificuldades que o meio insiste em colocar em nossos caminhos, o homem é um ser para o outro, não fomos criado para nós mesmos, no tornamos humanos em grupo (CAMPBELL, 2004, p. 75-77). A música e a dança nos religam a nós mesmos, ao coletivo, ao cosmos, ao transcendente, a Deus, pois ele nos ajuda na superação dos limites, mantendo acessa a crença na força da vida.

Não existe festa e liturgia sem alimentos e bebidas, o corpo precisa desses elementos para se fortalecer para a longa jornada que é o viver, um corpo sem alimento se fragiliza, o fraco no primeiro obstáculo fenece, desiste, por falta de forças, o ato de comer e beber fortalece os laços de união do grupo, tanto familiar como comunitário. A comida é a base do sustento da vida biológica, por isso a sua preparação é sagrada, quem prepara a comida interage com ela, transmitindo seus sentimentos e energia, daí antigas culturas (o que infelizmente foi perdida na cultura atual) adotarem regras de pureza para quem preparava os alimentos, conhecimento ainda hoje preservado no Candomblé. A bebida (com teor alcoólico) serve como elemento desinibidor, relaxante, socializador, que ajuda a quebrar os formalismos e as máscaras sociais que usamos em nosso cotidiano. É importante destacar o uso de maneira equilibrada da comida e da bebida, o excesso é prejudicial, por perder de vista o seu objetivo, todo extremo é desestruturante e pernicioso, daí as tradições religiosas sempre apontarem para o equilíbrio entre os extremos.

Nas festas, o luxo e beleza se fazem presentes por serem elementos mantenedores dos sonhos e esperanças, uma vida feia, sem glamour, é esvaziada de sentidos, é esvaziada de sonhos e esperanças, é uma vida que se vai levando até chegar-se à morada final, se morremos como vivemos, uma vida despojada de beleza encontrará uma morte muito feia, o que será realmente o fim porque, em vida, a esperança foi aniquilada. A beleza deixa a vida mais leve, mais fácil de ser vivida, ameniza a rudeza do cotidiano, ajuda-nos a extravasar os sentimentos ruins que fomos cultivando em nosso dia-a-dia, daí encontrarmos obras de arte nos templos, o que, aliás, apenas tenta representar as maravilhas existentes na natureza, que o estilo de vida atual tirou-nos, isto é, a capacidade de contemplação dessa grande maravilha criada por Deus. Quase toda festa pressupõe sexo, mas, como em nossa cultura ele foi varrido para debaixo do tapete doutrinal e da moralidade, acabou virando tabu, algo proibido. Infelizmente, para muitas pessoas o sexo foi esvaziado de seu sentido divino, transformando-se num jogo de poder e dominação. Sexo é a continuidade da vida, é o encontro e o conagraçamento que pressupõe a conquista, o diálogo, o respeito, a aceitação e o consentimento. Algumas tradições religiosas (indianas, africanas e nativas) trazem em seus arcabouços doutrinários vários conhecimentos sobre o sexo e o erotismo como formas sagradas presentes na vida, como caminhos de espiritualidade.

A festa é importante por transmitir à comunidade que a realiza a consciência da sua capacidade de organizar e gerenciar a vida, por mais difícil e complexa que ela se apresente, festa sem organização vira fiasco, daí entendermos toda a estrutura e mobilização que movimentam as escolas de samba do Rio de Janeiro, a comunidade sente orgulho da sua escola, por projetar nela as suas angústias e esperanças. O ápice da escola de samba é o desfile, o qual precisa ser pensado, organizado e preparado com grande antecedência, ou a escola ‘pagará mico’ na avenida e será rebaixada de grupo, o que se constitui numa grande perda e decepção para todos. É preciso pensar no samba enredo, o mito, que irá contar uma história no dia do desfile. A escola é dividida em alas, o rito, que contarão de maneira teatralizada e simbólica o tema do samba enredo; essas alas trarão carros alegóricos e foliões com fantasias luxuosas e bonitas, como representação de um ideal de vida, por mais que no dia-a-dia essa vida teime em se apresentar de maneira feia, com suas exclusões, violências, fome, desemprego, miséria... Vale a pena sonhar que amanhã a vida deixará de ser sapo e se transformará em um belo príncipe.

As tradições religiosas fazem parte da existência dos homens por se constituírem na primeira ferramenta da nossa humanização. Desde sua origem, as religiões procuram humanizar os homens, afastando-os dos determinismos biológicos, geográficos e culturais, é por meio da percepção do sagrado que a vida foi se estruturando, a religião foi a primeira a utilizar os mitos como ferramenta para a compreensão da vida, os mitos serviram de base para os textos sagrados que estruturaram a organização pessoal e social dos homens, as religiões propiciaram a estes homens um processo de descobertas, primeiro da finitude, fazendo-os perceber que a morte faz parte da vida, e que em vida iremos morrer várias vezes para propiciar o nascimento de um homem novo, tal como a fênix. Segundo a descoberta de que em nós existe um lado *sapiens* e outro *demens*, temos de conhecê-los e reconhecê-los não para eliminá-los, mas aperfeiçoá-los e superá-los, pois a vida é um processo contínuo de aprendizado, em que o ser religioso é aquele que sabe reconhecer seus potenciais e seus limites como meio de manter uma relação equilibrada com o seu semelhante, pois aquele que conhece seus potenciais não se sente ofuscado com o potencial do outro, aquele que reconhece seus limites, é mais compreensível com o limite do próximo, não significando entretanto que ele tenha que aceitar esses limites, pois aí está a beleza das tradições, que orienta na superação constante desses limites, tanto no plano individual como coletivo, objetivando a humanização dos indivíduos e, conseqüentemente, estruturando o grupo social para possibilitar uma vida digna e justa nos moldes do paraíso, que significa um lugar onde o mal não existe (ELIADE, 1977, p. 69-71).

Na sua função civilizadora, as tradições apontam as características do homem religioso. Ser religioso é vivenciar a regra de ouro, comum a todas as tradições religiosas, 'Não faças aos outros, o que não queres que te façam', o ser religioso é aquele que pratica o amor, a justiça, a caridade, a benevolência, a compaixão, a humildade, a alteridade... Ser religioso é reconhecer a beleza da vida, é admitir a nossa condição de aprendizes, sendo que aprendiz é aquele que descobre que a vida é extremamente dinâmica, que fazem parte dela a alegria e a tristeza, a saúde e a doença, perdas e ganhos, a felicidade e o sofrimento... e que, se soubermos aprender com esses princípios contraditórios, estaremos mais bem preparados para esta longa jornada que é viver.

A partir desses elementos, provocaremos uma releitura do ser religioso no cotidiano da sociedade, favorecendo a professores e estudantes da educação básica uma compreensão mais ampla dos elementos que compõem a educação do profano e do sagrado nas ações individuais coletivas.

Referências

BRASIL. Lei n. 9.475, de 22 de julho de 1997. Da nova redação ao artigo 33 da lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 jul. 1997. p. 15824. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=146598>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus**: mitologia ocidental. São Paulo: Pala Athena, 2004.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. Lisboa: Cosmos, 1977.

OLIVEIRA, L. B. et al. **Ensino religioso**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental).

Recebido: 20/04/2009
Received: 04/20/2009

Aprovado: 02/05/2009
Approved: 05/02/2009

Revisado: 15/07/2009
Reviewed: 07/15/2009